

“Independence Day”, de Yvonne Vera¹

Cibele de Guadalupe Sousa Araújo

Internacionalmente reconhecida e premiada por seus romances, a ficcionista zimbabuense Yvonne Vera iniciou sua carreira literária pelo conto. A coletânea *Why Don't You Carve Other Animals* (1992) reúne quinze histórias escritas e publicadas no Canadá, país em que a escritora se graduou, cursou mestrado e doutorado. O descompasso entre os escritos acadêmicos acerca de seus contos e aqueles sobre seus romances, ao redor dos quais um virtuoso número de textos críticos gravitam, estende-se às traduções da obra da autora. Para o português, no entanto, nem contos nem romances foram ainda traduzidos. O exercício de tradução da contística de Vera integra nosso projeto de doutoramento. Apresentamos aqui a tradução de “Independence Day”, em que o dia da independência do Zimbábue é abordado não pela perspectiva de alguma das muitas autoridades e heróis presentes na celebração, mas pela perspectiva de uma anônima personagem feminina, uma prostituta.

Para esta tradução, nossa primeira preocupação foi preservar o jogo irônico construído pelo narrador em todo o conto. Elementos como a “rua pavimentada”, o “estádio”, a “televisão”, que simbolizam a imposição cultural do colonizador, que reproduzem na colônia o mundo do colonizador, foram devidamente mantidos. Opções estilísticas da autora, como as significativas repetições de vocábulos, foram conservadas. Nesses casos, a escolha deu-se pelo uso de um termo correspondente que melhor abarcasse os empregos da palavra original nas diferentes situações e por sua repetição, com variações mínimas necessárias. Exem-

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

plos disso são: "line" por "alinhar", "give back" por "devolver", "excited" por "entusiasmada", utilizados em três oportunidades diversas cada um.

Em outros momentos, optamos por enfatizar o projeto da autora, notável em toda sua obra, de visibilizar a experiência do povo zimbabuense, com especial enfoque para o feminino. Assim, na cena em que as duas bandeiras são descritas, "The old flag was flapping in the air, the new one was hanging below", o que poderia ter ficado "A velha bandeira tremulava no ar, a nova estava pendurada embaixo" foi traduzido por "A velha bandeira oscilava no ar, a nova aguardava embaixo". Com objetivo de ressaltar a tensão advinda da transição política, optamos pelos termos oscilar e aguardar. No oscilar da bandeira antiga, cabe a oscilação do sistema colonial abalado por mais de quinze anos de guerra civil pela descolonização. No aguardar embaixo da bandeira nova, parece possível antever o perigo da descolonização como mera troca de opressor, sem cessar a opressão.

Por fim, destacamos o caso particular da inquietante imagem "green space in her head", que foi mantida como no original, "espaço verde em sua cabeça". Acreditamos tratar-se aqui de uma poderosa e original imagem construída pela escritora. Assim, não logramos traduzi-la por termos como "parque", "área" ou "canto verde". Também não optamos por interpretar ou desdobrar seus possíveis sentidos, substituindo-a por termos como "refúgio" ou "abrigo". Tampouco tentamos contê-la em alguma expressão de nossa língua. Deixamos a tarefa para o leitor! Ademais, o termo "space", além de recorrente em suas narrativas, é bastante significativo no projeto da autora, que percebe a escrita como um espaço de maior liberdade para as mulheres (VERA, 1999). A mudança no segundo termo da expressão, "green", talvez desconfigurasse um traço autoral, a alusão a elementos da paisagem natural do Zimbábue, muito forte em outras narrativas. De qualquer maneira, a estranheza causada de início acaba resolvida no próprio conto, em seu desfecho, quando o narrador substitui a imagem por "safe space in her mind", traduzido por "espaço seguro em sua mente".

Independence Day

"Move back! Move back!" the policemen shouted.

Today they were lining the main street in the city to see the Prince who had come from England to give their country back to them. At midnight.

The woman took shelter in the green space in her head, and waited. The children, released early from school, were standing along a stretch of empty road,

books held above their heads casting inky shadows on their faces. The sun shone brightly on the tarred road. A policeman stood on the broad yellow centre line, his starched cap exploring the distance. Policemen in heavy brown boots and khaki uniforms, holding guns and batons, told the children to move back. The Prince from England would not like to be crowded upon.

On the other side of the road women were dancing and singing traditional songs, under the towering gum tree. Sweat poured down their faces as they welcomed the future. The policemen with guns and batons told them to move to the back of the crowd or line up with the rest of the people. One gave them tiny flags to wave, a new flag for a new nation. While waiting for the Prince, sent by his mother the Queen, the woman held a branch from a jacaranda bush over her tired face, and stayed shielded in the green space in her head.

A limousine came down the street that was lined with exploding purple jacarandas. Children broke into screams, thinking it was the very important person who had come all the way from England to give them back their country. The woman watched the car drive up, and then heard the excitement die down. This was not the moment. It was just another car.

“We shall not know which car the Prince is in when he finally drives by,” a man said. “For security reasons. But we have to wave at all the cars as they drive by. One of them has the Prince.”

“You mean we shall not see the Prince?” the woman asked, perplexed. She had woken up very early, to see the man who had the power to give them back their country. She heard the sound of sirens, and saw policemen rush by on motorbikes, followed by several cars moving slowly behind.

“Stay back! Stay back!” the policemen shouted to the excited students who extended their arms and waved their tiny flags in front of the stream of passing vehicles.

“Which car has the Prince?” asked the woman.

“Certainly not the first or the second one, for security reasons,” the man answered. “And certainly not the last, it’s too obvious.”

It must be the third then. The woman looked hard through the heavily tinted windows, but saw nothing. Still, everyone waved and shouted. They saw only their own excited faces, intercepted among reflections of purple jacaranda blooms. Along that very road the Prince surely had passed. If they had not seen him, maybe he had seen them. “Did you see the Prince?” they asked each other on the way home. Later, some of them would see him at the stadium, at midnight. The woman would not go.

The man kept one arm around the woman, while with the other he held a bottle of cold beer. He had the television on, and insisted that he would watch the Independence celebrations first. He had already given her the money, and she kept it knotted in a yellow handkerchief which she had tied on the strap of her bra. The stadium, usually reserved for soccer matches, was filled to capacity. First there was traditional dancing in the middle of the stadium. The woman withdrew into the safe space in her mind, and watched the pictures go by on the screen.

The new Prime Minister gave a long speech, and people clapped and shouted. They raised their fists in jubilation. The new Prime Minister spoke into a microphone. The women continued dancing while the Prime Minister was speaking. The people waved their flags when they were told everything would be changing soon. Jobs and more money. Land and education. Wealth and food. The woman saw the Prince sitting quietly, dressed in spotless white clothing. They said his mother could not come. But in these matters he was as important as his mother. The new Prime Minister said something about the Prince, and everyone cheered.

The man watching the screen went to the kitchen for another beer. He was going to celebrate Independence properly: with cold beer and a woman. Now it was ten minutes to midnight. She must take her clothes off. The screen flashed the ticking minutes. The Prince and the new Prime Minister walked to the large flagpole in the middle of the stadium. The old flag was flapping in the air, the new one was hanging below. The man pushed the woman onto the floor. He was going into the new era in style and triumph. She opened her legs. It was midnight, and the new flag went up. The magic time of change. Green, yellow, white. Food, wealth, reconciliation.

When he was through he sent her home. When he awoke he preferred the whole house to himself. They had met under the jacarandas, waiting for the English Prince.

In the morning she saw miniature flags caught along the hedge: the old flag and the new.

Dia da Independência

– Pra trás! Pra trás! os policiais gritaram.

Hoje eles se alinhavam na rua principal da cidade para ver o Príncipe que viera da Inglaterra para lhes devolver seu país. À meia-noite.

A mulher abrigou-se no espaço verde em sua cabeça e esperou. As crianças, liberadas mais cedo da escola, estavam em pé ao longo de um trecho da rua vazia, livros suspensos sobre as cabeças lançando sombras escuras em seus rostos. O sol cintilou brilhante na rua pavimentada. Um policial permanecia na linha central larga e amarela, sua boina engomada explorando a distância. Policiais de pesados coturnos marrons e uniformes cáqui, portando armas e cassetetes, diziam às crianças para se afastarem. O Príncipe da Inglaterra não gostaria de ser cercado.

Do outro lado da rua mulheres dançavam e cantavam canções tradicionais, sob o alto eucalipto. O suor escorria pelos rostos enquanto elas saudavam o futuro. Os policiais, com armas e cassetetes, diziam que fossem para trás da multidão ou que se alinhassem com o resto das pessoas. Haviam-lhes dado mini bandeiras para agitar, uma nova bandeira para uma nova nação. Ao esperar pelo Príncipe, enviado por sua mãe, a Rainha, a mulher segurava um ramo de jacarandá sobre o rosto cansado, e permanecia protegida no espaço verde em sua cabeça.

Uma limusine desceu a rua alinhada por jacarandás explodindo em flores roxas. As crianças irromperam em gritos, pensando ser a pessoa muito importante que tinha vindo lá da Inglaterra para lhes devolver seu país. A mulher olhou o carro passando e depois ouviu o entusiasmo minguar. Ainda não era o momento. Era apenas um carro a mais.

– Nem vamos saber em que carro o Príncipe vai estar quando finalmente passar, um homem falou. – Por questões de segurança. Mas devemos acenar para todos os carros que passarem. Um deles traz o Príncipe.

– Quer dizer que nem vamos ver o Príncipe? a mulher perguntou, perplexa. Havia acordado muito cedo para ver o homem que tinha o poder de lhes devolver seu país. Ouvira o barulho de sirenes e vira policiais dispararem em motocicletas, seguidos logo atrás por diversos carros rodando lentamente.

– Afastem-se! Afastem-se! os policiais gritaram para os alunos entusiasmados, que estendiam seus braços e ondulavam suas mini bandeiras em frente ao fluxo de veículos passando.

– Qual carro traz o Príncipe? perguntou a mulher.

– De certo nem o primeiro, nem o segundo, por questões de segurança, o homem respondeu. – E com certeza nem o último, seria muito óbvio.

Tem de ser o terceiro então. A mulher olhou firme através das janelas profundamente escurecidas, mas não viu nada. Ainda assim, todos acenaram e gritaram. Eles viram apenas seus próprios rostos entusiasmados, interceptados entre reflexos de flores roxas de jacarandá. Por aquela mesma rua o Príncipe

definitivamente havia passado. Se eles não o haviam visto, talvez ele os tivesse visto. – Você viu o Príncipe? eles perguntavam uns aos outros no caminho de casa. Mais tarde, alguns o veriam no estádio, à meia-noite. A mulher não iria lá.

O homem mantinha um braço ao redor da mulher enquanto, com o outro, segurava uma garrafa de cerveja gelada. Com a televisão ligada, ele insistiu que assistiria primeiro às celebrações da Independência. Já havia lhe dado o dinheiro e ela o guardara amarrado em um lenço amarelo que tinha atado à alça do sutiã. O estádio, normalmente reservado para partidas de futebol, estava lotado. Primeiro houve danças tradicionais no meio do estádio. A mulher retraiu-se para o espaço seguro em sua mente, e assistiu às imagens passarem na tela.

O novo Primeiro Ministro fez um longo discurso e as pessoas aplaudiram e gritaram. Erguiam seus punhos em júbilo. O novo Primeiro Ministro falou ao microfone. Mulheres continuavam dançando, enquanto o Primeiro Ministro falava. Pessoas acenaram suas bandeiras quando lhes foi dito que tudo mudaria em breve. Empregos e mais dinheiro. Terra e educação. Riqueza e comida. A mulher viu o Príncipe sentado discretamente, trajando roupa imaculadamente branca. Explicaram que sua mãe não pudera vir. Mas para esses assuntos ele era tão importante quanto a mãe. O novo Primeiro Ministro disse algo sobre o Príncipe e todos aclamaram.

O homem que olhava a tela foi à cozinha pegar mais uma cerveja. Iria celebrar a Independência apropriadamente: com cerveja gelada e uma mulher. Faltavam agora dez minutos para meia-noite. Ela devia tirar as roupas. A tela da TV exibiu a contagem dos minutos. O Príncipe e o novo Primeiro Ministro caminharam até o grande mastro no meio do estádio. A velha bandeira oscilava no ar, a nova aguardava embaixo. O homem empurrou a mulher contra o chão. Iria entrar na nova era com estilo e triunfo. Ela abriu as pernas. Era meia-noite e a nova bandeira subiu. O mágico tempo de mudança. Verde, amarelo, branco. Comida, riqueza, reconciliação.

Quando ele acabou, mandou-a embora. Ao acordar, preferia a casa inteira para si mesmo. Eles haviam se encontrado embaixo dos jacarandás, esperando pelo Príncipe inglês.

Pela manhã, ela viu bandeiras em miniatura amontoadas ao longo da cerca: a velha bandeira e a nova.

Referências

VERA, Yvonne. "Independence Day". In: VERA, Yvonne. *Why Don't You Carve Other Animals*. Toronto: TSAR, 1992. pp. 27-29.